

Revista **1ª** EVOLUÇÃO



Revista **EVOLUÇÃO**

Ano V - nº 49 - Fevereiro de 2024

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Andreia Fernandes de Souza

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunistas:

Adeilson Batista Lins

Isac Chateaufeuf

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Adriana Pereira Santos da Silva
Alexandre Passos Bitencourt
Andreia Pereira dos Santos
Daniel Leopoldo Moreira Barbosa
Daniela Proença Verly da Silva
Fátima Tomás Dias dos Santos Gama
Francineide de Oliveira Ferreira
Gláucia Paula da Silva

Maria Angela Ferreira Oliveira
Maria de Lourdes Ferreira Da Silva
Nilma Aparecida Gonçalves Bernardes
Rebeca dos Santos Faria
Ricardo José Ferreira de Carvalho
Rosinalva de Souza Lemes
Vilma Cavalcante Sabino da Silva

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 49 (fev. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 122 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2675-2573.rpe.49

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.49>

A

São Paulo | 2024

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac Chateaneuf
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Prof.ª Esp. Ana Paula de Lima
Prof.ª Dra. Andreia Fernandes de Souza
Prof.ª Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Prof.ª Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Prof.ª Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof.ª Dra. Thais Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Dr. Isac Chateaneuf

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as) e autores(as) independentes**;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

Filiada à:



Produzida com utilização de softwares livres



05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

06 **Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes**

Isac dos Santos Pereira

07 **Ciência, Tecnologia & Sociedade**

Adeilson Batista Lins

4 ANOS EVOLUINDO COM VOCÊ!



ARTIGOS

- | | |
|---|-----|
| 1. INCLUSÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA PELA LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
ADRIANA PEREIRA SANTOS DA SILVA | 11 |
| 2. PROJETO DUARTE: UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA INOVADORA COM PROJETOS DE TRABALHO
ALEXANDRE PASSOS BITENCOURT | 23 |
| 3. O PAPEL DA ESCOLA NA PERPETUAÇÃO OU RUPTURA DE ESTEREÓTIPOS RELATIVOS AO GÊNERO
ANDREIA PEREIRA DOS SANTOS | 31 |
| 4. PRÁTICAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
DANIEL LEOPOLDO MOREIRA BARBOSA | 37 |
| 5. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E AÇÕES PROMOTORAS DE IGUALDADE
DANIELA PROENÇA VERLY DA SILVA | 45 |
| 6. A INFLUÊNCIA DE FACTORES PSICOSSOCIAIS NO DESEMPENHO ESCOLAR
FÁTIMA TOMÁS DIAS DOS SANTOS GAMA | 51 |
| 7. EDUCAÇÃO ESPECIAL: INFORMAÇÕES IMPORTANTES PARA DOCENTES
FRANCINEIDE DE OLIVEIRA FERREIRA | 63 |
| 8. O PAPEL TRANSFORMADOR DAS TECNOLOGIAS NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: DESAFIOS E OPORTUNIDADES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19
GLÁUCIA PAULA DA SILVA | 67 |
| 9. GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA COMO FERRAMENTA PARA A MELHORIA DO PROCESSO EDUCACIONAL
MARIA ANGELA FERREIRA OLIVEIRA | 71 |
| 10. AS CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA AO LONGO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL
MARIA DE LOURDES FERREIRA DA SILVA | 77 |
| 11. AS PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL
NILMA APARECIDA GONÇALVES BERNARDES | 87 |
| 12. TRAUMAS BUCOMAXILOFACIAIS DECORRENTES DE TRAUMAS ESPORTIVOS
REBECA DOS SANTOS FARIA /ORIENTADOR: WALTER PAULESINI JÚNIOR | 95 |
| 13. A MATEMÁTICA EM MOVIMENTO UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR
RICARDO JOSÉ FERREIRA DE CARVALHO | 103 |
| 14. ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO PARA CRIANÇAS COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
ROSINALVA DE SOUZA LEMES | 109 |
| 15. A IMPORTÂNCIA DA PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS DESDE A INFÂNCIA
VILMA CAVALCANTE SABINO DA SILVA | 115 |

O PAPEL DA ESCOLA NA PERPETUAÇÃO OU RUPTURA DE ESTEREÓTIPOS RELATIVOS AO GÊNERO

ANDREIA PEREIRA DOS SANTOS¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar como se dão as relações de gênero no ambiente escolar e quais intervenções e metodologias são aplicadas na busca pela equidade de gênero dentro do ambiente escolar. Através da análise de casos de relações cotidianas entre seus atores, além da análise de um questionário aplicado em duas escolas públicas, analisado à luz de autores que tratam da questão de gênero na sociedade, pretende-se compreender como essas relações funcionam e em que medida a escola contribui positiva ou negativamente para a construção de uma identidade onde os indivíduos reconheçam o valor do seu gênero e o respeito ao outro.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Feminismo; Machismo; Escola; Igualdade.

1. INTRODUÇÃO

No começo do século XXI, a preocupação em inserir no currículo escolar brasileiro um estudo sobre diferentes parcelas sociais até então à margem de outras questões, começa a ganhar força. O estudo sobre questões étnicas, a questão indígena, a discussão sobre diversidade sexual, a questão dos imigrantes e a de gênero vêm sendo discutidas na sociedade brasileira. Vários setores se envolvem nesta discussão, como mídia televisiva, impressa, internet, grupos de apoio, dentro das famílias e na escola.

Assim como a lei 10.639/03 veio contemplar as questões étnico raciais, a lei 11.645/08 as questões indígenas, observo a necessidade gritante da aprovação de uma lei que contemple a discussão de gênero e diversidade - apesar do retrocesso do PNE com a retirada do artigo 2º inciso III, que já orientava a promoção da igualdade entre os gêneros. A produção de pesquisas e fomentação do assunto configuram-se como um ato político de resistência à retirada de assuntos de grande

importância para a sociedade, assuntos esses relacionados à noção de respeito, empatia e solidariedade.

Sendo a escola uma instituição de amplo alcance e de intervenção dentro das mais diversas classes sociais, esta pode colaborar para desconstruir valores patriarcais que em nada agregam em nossa sociedade, ajudando, assim, a diminuir os índices de violência contra a mulher, por meio do empoderamento dessas e da conscientização de igualdade entre os gêneros.

Para tanto, é importante entender como que a escola está agindo no que diz respeito à promoção da igualdade entre meninos e meninas e como esses estudantes percebem a si mesmos e a escola dentro do sistema educacional.

Este artigo tem por objetivo realizar um levantamento dessas percepções dos alunos e alunas, tendo dados para balizar eventuais ações pedagógicas por parte da escola a fim de tornar o ambiente escolar, um local onde se construa e se zele pela noção de equidade e respeito.

¹ Licenciada em História pela Universidade Bandeirantes de São Paulo (2008); Licenciada em Artes Visuais pela Faculdade Paulista de Artes (2013); Curso de aperfeiçoamento "Gênero e diversidade na escola", pela Universidade Federal do ABC (2015); Professora titular atuando na rede municipal de ensino na cidade de São Paulo. Atualmente mestranda no Instituto de Artes da UNESP. E-mail: andrea.p.santos@unesp.br

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Por meio de análise etnográfica e da análise de um questionário aplicado em duas escolas públicas: uma escola municipal e outra estadual - ambas localizadas em áreas periféricas da zona leste de São Paulo, que foi respondido por 209 meninas e 177 meninos – pretende-se entender como se dão as relações de gênero no ambiente escolar, e até que ponto a escola contribui positiva ou negativamente na construção de uma identidade onde os indivíduos reconheçam o valor de seu gênero e das diferenças biológicas, mas que, no âmbito social, a equidade entre meninas e meninos esteja posta não só na teoria curricular, mas, na prática de todos.

3. RESULTADOS

Através dos estudos, reflexões sobre casos, levantamento de dados, respostas e números por meio dos questionários aplicados, associados à leitura de autores e autoras como Guacira Lopes Louro, Pierre Bourdieu, Marisa Correa, Marília Pinto, dentre outros(as), é possível ter uma ideia sobre a construção escolar da noção de gênero, podendo, desta forma, intervir, se necessário, em busca de uma prática educativa que preze a equidade entre os gêneros, na construção de uma percepção isenta de preconceitos por parte dos alunos e do próprio corpo docente.

Para pensar em como a escola pode vir a atuar em relação à questão de gênero, é necessário, primeiro, entender como os estudantes se sentem dentro do ambiente escolar em relação ao seu gênero, para tanto, foi elaborado um questionário composto por 10 questões. Essa pesquisa por meio do questionário foi realizada com 386 estudantes com idade entre 9 e 16 anos, de duas escolas localizadas em áreas periféricas da Zona Leste de São Paulo. Na primeira escola, municipal, 178 meninas e 155 meninos responderam ao questionário. Na segunda escola, estadual, 31 meninas e 22 meninos responderam.

Pedimos aos alunos que respondessem as perguntas baseando-se em suas vivências reais, em suas percepções no dia a dia.

A temática gênero permeava as questões, a fim de levantar informações, embasar suposições ou refutar algumas ideias a respeito da percepção dos alunos diante do preconceito por gênero e do papel da escola na manutenção, ou não, desse quadro.

Analisando as respostas destes 386 alunos², foi possível esboçar, ainda que de forma inicial, um cenário sobre o que pensam a respeito dos gêneros, de acordo com sua idade. Como reproduzem o que escutam, o que afeta mais aos meninos e as meninas.

3.1 DISCUSSÕES

Você gosta do seu gênero (de ser menina ou menino)?

Das 209 meninas, 66 responderam que não; já entre os meninos, no total de 177, nenhum afirmou não gostar de pertencer ao gênero masculino. Ficou claro que, quanto mais nova é a garota, menos ela se incomoda com seu gênero, mas à medida que ela vai crescendo, parece ir percebendo as desvantagens sociais impostas ao gênero feminino.

Entre os meninos, desde os mais novos, observa-se a necessidade de firmarem-se como mais fortes, mais ágeis, mais rápidos do que as meninas. em resposta ao que a sociedade espera como comportamento padrão em seu gênero. À medida que crescem, veem ainda mais vantagens em pertencer ao gênero masculino, tendo mais liberdade, menos responsabilidades, não sofrendo com cólicas, pressão social etc.

• 1) Se você pudesse escolher, nasceria sendo menina ou menino?

Entre 209 meninas, 63 responderam que nasceriam meninos;

Dos 177, 4 meninos responderam que nasceriam meninas.

A partir dos 13 anos, as que desejariam nascer como meninos já mostram a consciência de

² Neste artigo, os resultados da análise das respostas do questionário encontram-se resumido devido a sua densidade.

que o sexo masculino é “mais aceito” na sociedade, percebem que eles possuem mais liberdade, menos responsabilidades e não sofrem com dores e problemas típicos do sexo feminino.

Podemos fazer várias leituras sobre esta afirmação, e uma das leituras possíveis, dentre tantas, seria a de que esta menina, ainda não conseguiu ver a vantagem de ser mulher, logo, sente-se no prejuízo em relação ao sexo oposto.

• 2) No ambiente familiar, você é tratada diferente pelo fato de ser menina (ou menino)?

Das 209, 52 meninas afirmam ser tratadas com diferença no lar.

Entre 177, 38 meninos afirmam ser tratados com diferença no lar.

A maioria das meninas reclama da injustiça em terem que realizar tarefas domésticas, ao passo que os meninos não; da falta de liberdade e de não poderem realizar algumas atividades consideradas masculinas. O que relatam como uma diferença positiva é o fato de receberem mais carinhos e mimos dos pais.

Os meninos mostraram-se incomodados quando tiveram que fazer alguma tarefa doméstica; alguns recebem mais carinho por parte da mãe, outros são xingados pelo pai.

• 3) No ambiente escolar, você é ou já foi tratada(o) diferente pelo fato de ser menina (ou menino)?

Entre 209, 58 meninas responderam que sim.

Entre 177, 42 meninos responderam que sim.

Aqui, os tratamentos negativos aparecem em maior número. Quanto aos tratamentos positivos no ambiente escolar, as meninas apontam o cavalheirismo ensinado na escola, em que as meninas são as primeiras a entrar, a sair, a formar fila.³

Algumas meninas se sentem bem por serem escolhidas como ajudantes do(a) professor(a). Aparece nas respostas também a questão do bullying, que se soma ao machismo

para inferiorizá-las. Os meninos, às vezes, atacam a vaidade das meninas, chamando-as de gordas, falando mal do cabelo, etc. Ocorre também a exclusão dessas no futebol e em outras atividades.

As críticas dos meninos dizem respeito aos tratamentos diferenciados em relação às meninas, tratamento este que tem suas bases no cavalheirismo adotado por muitas professoras e professores, certamente na melhor das intenções, mas que também já foi tema de discussão dentro do movimento feminista.

Melhor seria substituir o cavalheirismo pela noção de gentileza, em que meninos e meninas pudessem ser gentis uns com os outros?

As demais queixas em relação ao tratamento diferenciado, para os meninos, dizem respeito às práticas de bullying.

• 4) Em relação às profissões, quais seriam profissões femininas? Marque uma das opções.

- a) Professora, médica, advogada;
- b) Engenheira, motorista, entregadora de pizza;
- c) Pedreira, jogadora de futebol, taxista;
- d) Todas as profissões podem ser ocupadas igualmente por homens e mulheres.

As alternativas mais escolhidas entre as meninas foram a A e a D. A alternativa A apresentava as profissões: professora, médica, advogada. 82 meninas escolheram essa resposta.

A alternativa D afirmava que “Todas as profissões podem ser ocupadas igualmente por homens e mulheres”, e foi escolhida por 119 meninas, a maioria delas na faixa dos 14 anos.

Esse resultado seria passível de uma investigação mais detalhada, por meio de entrevistas, por exemplo, a fim de tentarmos entender se estas garotas responderam o que acharam “politicamente correto para um cenário de luta feminina”, ou se responderam porque é o que realmente desejam, sendo a alternativa D, a

³ Cabe aqui uma rápida citação retirada de um artigo da Psicóloga e escritora Regina Navarro (baseado em um estudo realizado pela University Boston), referente ao cavalheirismo:

“...o cavalheirismo é péssimo para as mulheres. Gentileza, ao contrário, é ótimo! Homens e mulheres podem e devem ser gentis uns com os outros. Cavalheirismo é outra coisa. Traz, de forma subliminar, a ideia de que a mulher é frágil e necessita do homem para protegê-la, até nas coisas mais simples como abrir uma porta...”

que lhes confere um leque mais amplo de opções de carreiras. Mas... na prática, essas garotas escolheriam profissões consideradas, socialmente, "masculinas"?

Entre os meninos, curiosamente, as alternativas escolhidas foram as mesmas que as meninas. 48 meninos escolheram a alternativa A, cujas profissões eram professor, médico e advogado. 83 meninos escolheram a alternativa D "Todas as profissões podem ser ocupadas igualmente por homens e mulheres."

Mas existem peculiaridades que apareceram nas respostas dos meninos dignas de análise:

Primeiramente, muitos meninos não escolhiam a alternativa toda, ou seja, marcando a alternativa pela respectiva letra, que envolvia as três profissões citadas. Muitos deles fizeram um X em cima de uma profissão específica, preterindo profissões relacionadas ao ato de cuidar.

• 5) Meninas e meninos podem brincar de boneca, casinha, amarelinha...?

Das 209 garotas que responderam ao questionário, 58 responderam que não.

Entre estas, a maioria alegava que brincar de boneca "não era coisa de menino". Algumas afirmaram achar "feio" ou "esquisito".

Analisando as justificativas que impediriam um menino de ter acesso a esses tipos de brincadeiras, é perceptível o machismo na fala de garotos bem jovens, entre 9 e 10 anos. Muitos dizem apenas não gostar, outros falam que meninos gostam de outras coisas, como futebol e videogame. Também demonstraram muita preocupação em relação ao julgamento social: "o que os outros vão pensar?".

• 6) Meninas e meninos podem brincar de carrinho, videogame, futebol?

Das 209 meninas que responderam o questionário, 178 meninas afirmaram que podem brincar de carrinho, videogame, futebol.

A mesma pergunta foi feita aos meninos e 140 deles afirmaram que meninas podem brincar de carrinho, videogame, futebol.

A maioria dos alunos que disseram que

meninos não podiam brincar de boneca afirmaram que meninas podiam brincar de carrinho. Isso nos mostra o quanto o machismo pesa para o gênero masculino, que muitas vezes têm até vontade de brincar com "brinquedos de menina", mas não o fazem para não sofrerem bullying ou "decepcionar o pai", como citado.

• 7) Você já foi preconceituoso com o gênero oposto? Se sim, qual o motivo?

Entre 209 meninas, 49 afirmaram que já foram preconceituosas com meninos.

Entre 177 meninos, 41 afirmaram que já foram preconceituosos com meninas.

Entre as que responderam que já foram, os preconceitos relatados foram os seguintes: zoar meninos por brincar de panelinha; porque ele estava chorando; ter o preconceito de que menino só pensa em namorar; por querer brincar de boneca; por que eles não nos respeitam; são imaturos; por se parecer com um homossexual; por ele ser negro.

Entre os meninos, as "justificativas" para o preconceito foram: "Porque me xingou"; Por gostar de brincar com coisas de meninos; por jogar videogame; por não se depilar; por seu cabelo; por trocarem de roupa juntas; "Pelo fato de ela não se valorizar"; por sua aparência; por estar acima do peso; por ter me largado para ficar com outra menina...

• 8) Qual é a profissão/ ocupação de seus pais?

Como sabemos que as figuras materna e paterna são de grande influência para a criança, é interessante ter uma ideia dos referenciais existentes. É claro que nem todos vão seguir as mesmas profissões, mas foi perceptível, cruzando a profissão dos pais e a pretensão profissional dos(as) filhos(as), que muitos desejam seguir a mesma ocupação profissional do pai, da mãe ou de algum parente.

Em nenhum questionário nos deparamos com a lacuna da profissão/ ocupação preenchida com as palavras 'dono de casa' como ocupação do pai (a opção estava presente), mas colocava-se o pai como "desempregado".

Um outro dado bastante relevante foi notar que o número de mulheres que ocupam funções “tradicionalmente masculinas” foi de 5, enquanto o número de homens ocupando profissões “tradicionalmente femininas” foi de 2.

• 9) Qual profissão você pretende exercer quando crescer?

Foi interessante observar que as expectativas dessas crianças em relação ao futuro já apresentam mudanças; estão, nesse aspecto, “menos tradicionais”.

A diferença entre o número de profissões dos meninos e das meninas foi de apenas 8 a mais para os meninos, o que mostra, ainda que de maneira bem rudimentar, que as aspirações profissionais das meninas estão explorando outros espaços, “ganhando terreno”.

Observei a presença de 5 profissões socialmente consideradas masculinas ou de maior predominância do gênero masculino - engenheira da computação, engenheira civil, astrônoma, jogadora de futebol e funcionária do IML. Entre os meninos, ocorreu a presença de 3 profissões socialmente consideradas femininas – costureiro, cozinheiro e enfermeiro. Isso mostra a mescla de atividades, que a delimitação entre o que era para mulher e para homem hoje já se apresenta menos sólida, e à medida que esses papéis socialmente construídos vão sendo desconstruídos, as pessoas terão cada vez mais liberdade de fazer o que querem, o que gostam, e não o que é prévia e socialmente reservado ao seu gênero.

4. CONCLUSÃO

Ao fim desse primeiro processo de pesquisa e análise dos dados levantados, estudados, observados, foi possível responder algumas questões como:

A escola perpetua estereótipos e discriminação em relação ao gênero? Como a escola poderia intervir positivamente no processo de construção social do gênero?

E a família, perpetua estereótipos relativos ao gênero?

Sim, infelizmente a escola reforça os estereótipos relacionados ao gênero, o que colabora para a continuidade dos preconceitos. Pode parecer paradoxal, contraditório, a escola, instituição do saber, colaborar para tal fato, mas, pela fala dos alunos foi possível perceber colocações e atitudes pouco construtivas por parte de alguns professores e professoras quando o assunto é equidade de gênero. Provavelmente o fazem de forma automática, até mesmo inconsciente.

A exclusão de uma menina de determinada atividade, tida como agressiva, pode demonstrar zelo por parte do professor ou professora, mas, por outro lado, tal atitude pode mexer com a autoestima da aluna, ao passo que tal situação transmite para os garotos a ideia de que mulheres são frágeis e inferiores à eles, que só eles podem fazer o que querem.

É claro que não existe fórmula mágica para resolvermos questões tão complexas que abarcam todo tipo de desigualdades, dentre elas a de gênero, mas Guacira Lopes Louro fornece pistas de como a escola poderia intervir positivamente no processo de construção social de gênero.

“Se existe algo que pode ser comum a essas iniciativas [experiências e iniciativas que buscam subverter as situações desiguais — de classe, raça, gênero, etnia — vividas pelos sujeitos], talvez seja a atitude de observação e de questionamento...” (LOURO, p. 121)

Acredita-se ser importante aprofundar cada vez mais as pesquisas. Analisar outros autores, comparar pontos de vista; entender melhor o aluno, a aluna por meios de entrevistas e rodas de conversas informais, em diferentes idades e escolas, visando o entendimento da lógica sobre a qual baseiam suas atitudes, as raízes das falas estereotipadas, a fim de montar um projeto de intervenção que faça sentido para estes estudantes, que consiga “alcançá-los” e levá-los a refletir.

O compartilhamento de experiências, as trocas pedagógicas com os pares e outras unidades escolares, a multiplicação dos saberes e

práticas em uma ação dialógica de trocas que tragam consigo pequenas-grandes mudanças, que podem significar o repensar de práticas em busca de aulas e intervenções indistintas entre meninos e meninas.

Esse modelo patriarcal sobre o qual a sociedade se equilibra ainda hoje já não nos serve mais, e devemos nos reconstruir no sentido de pensar em uma sociedade mais tolerante e justa, para depois, como profissionais da educação, poder intervir em nosso fazer pedagógico, em nossas unidades escolares, junto aos nossos alunos, edificando assim, estruturas mais condizentes ao nosso tempo, com cidadãos que consigam enxergar a humanidade dentro de cada ser e respeitá-la, independente de seu gênero, etnia, classe social, orientação sexual, religião.

Acredito que todos professores e professoras são idealistas, idealistas que sonham, como dizia Paulo Freire, pois não podemos deixar de sonhar, mas que também, à sua maneira, agem, interveem, transformam, edificam, humanizam e lutam diariamente por uma sociedade mais justa.

5. REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. **Etnografia da prática escolar**. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- _____. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.
- CARVALHO, Maria Pinto de, **O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPEd (1999-2009)**;
- _____, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Revista Estudos Feministas**, vol. 9 n. 2. 2001. P 554-574. (Dossiê Gênero e Educação). Revista eletrônica Zero-a-Seis - nº 22. 2010
- <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8640.pdf>> Acesso em: novembro de 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. RJ: Bertrant Brasil, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** – nascimento da

- prisão. 29ª ed. Petrópolis: Vozes. 2004.
- DAMICO, J. G. S.; MEYER, D. E. E. Constituição de masculinidades juvenis em contextos "difíceis": vivências de jovens de periferia na França. **Cadernos Pagu** (34) p.143-178, 2010.
- GOELLNER, S. V.; FIGUEIRA, M. L. M. **Corpo e gênero: a Revista Capricho e a produção de corpos femininos**. GRECCO – Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo. RS. GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e revolução**. 1. ed. SP: Boitempo. 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. RJ: Vozes, 1997.
- _____, Guacira Lopes. **O corpo educado**. 2. ed. MG: Autêntica, 2000.
- NICHOLSON, Lindai. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE/UFSC, vol. 8, nº 2, p. 8-41, SC. 2000.
- NUCCI, Marina Fisher. **O Sexo do Cérebro: uma análise sobre gênero e ciência**. 6º Prêmio Construindo a Igualdade de gênero – Redações, artigos científicos e projetos pedagógicos premiados. p 31-56. DF, Programa Mulher e Ciência, 2010.
- RIBEIRO, Jucelia Santos Bispo. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças.. **Cadernos Pagu** (26) p.145-168, 2006.
- TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu** (3) p. 29-62. 1994.



ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

- Adriana Pereira Santos da Silva
- Alexandre Passos Bitencourt
- Andreia Pereira dos Santos
- Daniel Leopoldo Moreira Barbosa
- Daniela Proença Verly da Silva
- Fátima Tomás Dias dos Santos Gama
- Francineide de Oliveira Ferreira
- Gláucia Paula da Silva
- Maria Angela Ferreira Oliveira
- Maria de Lourdes Ferreira Da Silva
- Nilma Aparecida Gonçalves Bernardes
- Rebeca dos Santos Faria
- Ricardo José Ferreira de Carvalho
- Rosinalva de Souza Lemes
- Vilma Cavalcante Sabino da Silva



doi <https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.49>

Produzida com utilização de softwares livres



Platform & workflow by OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

